

**O DISPENSACIONALISMO NO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO:
INTRODUÇÃO AO ESTUDO DE RECEPÇÃO DA OBRA *O PLANO DIVINO*
ATRAVÉS DOS SÉCULOS**

FERREIRA, Maycon Sanches¹
OLIVEIRA, Vilmar Diniz²
OLIVEIRA, David Mesquiati³
SERENO, Samuel Goulart⁴
SOUSA, Antonio Junio Alves de⁵

RESUMO

Este ensaio apresenta concisamente como a mensagem dispensacionalista (darbista) do livro *O Plano Divino Através dos Séculos* do pastor pentecostal estadunidense Nels Lawrence Olson foi recebido no Brasil a partir da década de 1940. Para este fim utilizou a metodologia dos Estudos de Recepção e centrou-se especificamente no mapa ilustrado que acompanhava o livro como instrumento de análise.

Palavras-chave: Dispensacionalismo. Darbismo. Estudos de Recepção. Pentecostalismo.

INTRODUÇÃO

A obra *O Plano Divino Através dos Séculos*, de autoria de Lawrence Olson, ou Irmão Lourenço, como era mais conhecido, ultrapassou a 25ª edição e já vendeu mais de 100 mil cópias (ROMEIRO, 2011). Olson era um pastor estadunidense e foi missionário no Brasil pelas Assembleias de Deus. Para ele, não compreender os desígnios de Deus em cada período da história (dispensações) poderia ser catastrófico para o ser humano. Assim, buscou fazer uma descrição pormenorizada daquilo que compreendeu como sendo a ação de Deus através dos séculos. Sua proposta estava alinhada com a escola de pensamento teológica conhecida

¹ Licenciado em História, Bacharel em Teologia, Especialista em Teologia Bíblica e Ensino de História e Mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória-ES. E-mail: msfmedievalista@gmail.com

² Bacharel em Teologia pela Escola Superior de Teologia, Pós-Graduado em Psicologia e Aconselhamento Pastoral e Mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória-ES. E-mail: vilmar@faculdadeunida.com.br

³ Doutor em Teologia, docente do PPGCR da Faculdade Unida de Vitória (UNIDA).

⁴ Bacharel em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo, Pós-graduado em Exegese Bíblica pela UniAbeu e mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória-ES.

⁵ Bacharel em Teologia pela Universidade de São Paulo, Pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia e Mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória-ES.

como *dispensacionalismo*, que se ocupa em distribuir a história em períodos ou dispensações atribuindo a cada dispensação um tipo modelar de ação divina, uma escatologia sistematizada (CLIE, 2008, p. 1164). A aceitação do conteúdo do livro no meio evangélico pentecostal, especialmente no seio da Igreja Assembleia de Deus⁶, foi importante para a fixação dos seus ensinamentos. Junto com o livro, mas podendo ser vendido separadamente, havia um mapa ilustrado, que doravante denominaremos com a sigla MAPA-PDAS⁷, um desenho descritivo do que seus propugnadores chamavam de *Sete dispensações de Deus*, desde as narrativas da Criação no Gênesis até o fim dos tempos (Apocalipse), em uma leitura de forte conotação apocalíptica. Olson possuía grande capacidade de convencimento através das suas pregações pelo país, de programas radiofônicos diários, bem como por meio das obras publicadas.

As questões que desejamos descrever estão relacionadas com a forma com a qual os evangélicos receberam as mensagens proclamadas por Lawrence Olson, e como tal pensamento modelou o imaginário evangélico. Quais impactos o MAPA e sua mensagem causaram na vida dos que o manusearam? Por que a mensagem descrita no documento impactou tanto os fiéis na segunda metade do século XX? Tais crenças persistem até nossos dias? Esses questionamentos são pertinentes e avançaremos na análise.



Quadro *O Plano Divino Através dos Séculos* (CPAD, 2016).

⁶ O dispensacionalismo teve forte entrada também entre os batistas brasileiros, especialmente os que foram influenciados pelo grupo conhecido como Batistas Regulares.

⁷ A partir deste ponto a palavra MAPA referir-se-á ao encarte encontrado no livro “O Plano Divino Através dos Séculos” elaborado e distribuído pelo Pr. Nels Lawrence Olson.

O DISPENSACIONALISMO NORTE-AMERICANO E SUA INFLUÊNCIA NO BRASIL

O MAPA, que está ampliado e aparece anexo ao final deste artigo⁸, foi encarte do livro *O Plano Divino Através dos Séculos*. O livro tornou-se muito popular nas décadas de 1970 e 1980, período quando foram publicados cerca de 52.500 exemplares até sua 9ª edição em 1987 (OLSON, 2002, p. 2). Não há informação oficial acerca do número de volumes impressos até a presente data, mas o livro está em sua 25ª edição desde 2002. Há informações extraoficiais que apontam para mais de 150 mil exemplares impressos.⁹

O Pr. Nels Lawrence Olson (09/02/1910-29/03/1993) nasceu em Kenosha-Wisconsin-USA. Radicados nos USA desde 1904, seus pais eram suecos, de formação religiosa luterana estatal. Nos Estados Unidos tiveram contato primeiramente com a Igreja Batista, e em seguida com a Igreja Assembleia de Deus. Estudou no Central Bible College-Springfield-Missouri, casou-se com Alice em 1932. Aportou no Brasil em 1938 junto com a esposa e os seis filhos: Lawrence Jr., Carolyn, Bervely, Elizabeth, Paulo e Esther. Sendo um dos fundadores da CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus), o Pastor Lawrence trabalhou na evangelização, plantação de igrejas e escrita de materiais para a Escola Bíblica Dominical das Assembleias de Deus. Foi editor e articulista do Jornal *Mensageiro da Paz*, tradutor de livros (do inglês), e também atuou como professor no ensino teológico (em 1961 fundou no Rio de Janeiro o Instituto Bíblico Pentecostal), tendo publicado ao menos 7 livros: *A Bomba atômica: precursora do Armagedom*, *Enoque: o arauto da vinda de Cristo*, *Profecias Bíblicas*, *O Servo de Jeová (1951)*, *O plano divino através dos séculos (1956)*, *O batismo bíblico e a trindade (1956)* e *O alinhamento dos planetas (1980)* (CPAD, 2016).

O fenômeno da aceitação e divulgação chama a atenção visto que o movimento pentecostal é o principal responsável pela divulgação do livro e do MAPA que o acompanha. Em 1938, quando chegou ao Brasil, dirigiu-se para a cidade de Belo Horizonte-MG, onde aprendeu o idioma Português. Lá o missionário Olson teve como grande desafio o fato de que neste período havia elevado índice de analfabetismo, principalmente no meio rural, ambiente por onde plantou vários templos das Assembleias de Deus. Em 1940, segundo dados do

⁸ O MAPA foi dividido em três partes iguais para inserção neste trabalho por ser de conteúdo minucioso, e utilizar de fontes gráficas muito pequenas. A divisão em partes possibilitou a ampliação do conteúdo do objeto ora estudado.

⁹ Essa informação está impressa na apresentação do próprio livro em sua 14ª edição em 1994. Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões, Vitória-ES, v. 4, n 2, jul.-dez., 2016

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 56,8% da população brasileira ainda era analfabeta (IBGE, 1940/2000). Benatte escreveu: “É plausível inferir que, quando o movimento começou a se propagar, uma década antes, oito em cada dez brasileiros não soubessem ler e escrever” (BENATTE, 2011). Ao observarmos tais dados, é possível inferir que uma das razões do sucesso de vendas do livro estava no encarte oferecido no livro. Assim, mesmo que houvesse a impossibilidade da leitura do livro pelos fiéis, o MAPA possibilitava a compreensão do conteúdo, tornando seu ensino acessível e amplamente disseminado nas igrejas evangélicas à época.

O DESENVOLVIMENTO DO DISPENSACIONALISMO E SUAS ORIGENS

Para entendermos como se deu o sucesso do MAPA desde sua chegada ao Brasil e sua difusão no meio evangélico-Pentecostal, tendo também sido aceito no seio do protestantismo histórico, especialmente nos de formação calvinista (ICE, 2016), é necessário entender a proposta. A premissa basilar do livro e do MAPA é apresentar a Bíblia toda no correr da história humana, desde o Jardim do Éden até a redenção final, das fases do planeta terra, do mundo dos espíritos, das origens e do destino final da humanidade, tudo isto representado através de desenhos e referências bíblicas no MAPA (OLSON, 2002, p. 15); as representações das eras e a cronologia é chamada estudo das dispensações.

O Pr. Lawrence, assim como todos os defensores do *Dispensacionalismo Bíblico*, utilizam-se da tradução da palavra grega *oikonomia* como *dispensação* em português. O termo grego é utilizado pelo menos quatro vezes no Novo Testamento: em 1Coríntios 9.17; Efésios 1.10; Efésios 3.2 e Colossenses 1.25. Todos estes escritos, que são considerados como de autoria de Paulo, o apóstolo, têm seu significado mais comum como “administração da casa” (OLSON, 2002, p. 15). Baseado em tal premissa o Pr. Lawrence desenvolveu a teoria de que Deus age como administrador e, circunstancialmente, faz intervenções na história humana (OLSON, 2002, p. 63). Um dos pioneiros a usar o termo “dispensação” para distinguir um período do outro foi John William Fletcher (1729-1785), sucessor de John Wesley (1703-

1791), que explicou a história da humanidade a partir de três momentos, chamando-os de “dispensações: do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (MATOS, 2016).

Para Lawrence Olson todas as épocas estão entrelaçadas entre si e obedecem a um plano divino. Ou seja, tudo o que aconteceu na história humana, está acontecendo e ainda acontecerá, estão debaixo da magnitude do próprio Deus. Como Senhor da história, Deus teria tudo debaixo do seu controle (OLSON, 2002, p. 14). Para Olson, embora Deus controle a história, o homem tem livre arbítrio dentro destes *períodos*, que são ao todo divididos em sete dispensações históricas. Assim, o ser humano seria provado por Deus quanto a sua obediência. Olson afirma: “Uma dispensação é um período de tempo durante o qual o homem é provado a respeito de sua obediência para com uma determinada revelação da vontade de Deus” (OLSON, 2002, p. 29). Essa explicação da história à luz da Bíblia é uma marca desse movimento e tem no livro PDAS e no MAPA de Olson seu grande disseminador (OLSON, 2002, p. 50).

A CHEGADA DO QUADRO PDAS NO BRASIL

A introdução do MAPA e do livro PDAS pode ter contribuído para o avanço do movimento pentecostal no Brasil, uma vez que ajudou a sedimentar uma escatologia de fácil explicação e que poderia ser rapidamente replicada na forma de estudos bíblicos e pregações apocalípticas, sem a necessidade de passar por seminários teológicos e com isso, ficar longo tempo em preparação. Ao contrário, os líderes eram preparados no front evangelizador. Isso deu aos pentecostais enorme vigor evangelístico e consistência em no anúncio missionário (MARIANO, 1999, p. 28).

A organização jurídica da CPAD, editora que imprimiu e distribuiu o livro PDAS, se deu em 13 de março de 1940, data oficialmente aceita como início da editora. Entretanto, antes disso, já circulava no meio pentecostal algumas publicações de responsabilidade das Assembleias de Deus. Essas publicações se iniciaram em 1917 com o Jornal “*Voz da Verdade*”, e em 1922 publicaram o seu primeiro Hinário Cristão. Alguns livros, jornais e as *lições Bíblicas* foram, por muito tempo, publicações produzidas por encomenda em gráficas particulares. Por causa de um decreto lei sancionado no Brasil em 1940, houve a necessidade

de que todos os jornais fossem registrados. Neste período as Assembleias de Deus produziam o jornal “*Mensageiro da Paz*” e, por causa do decreto, surgiu oficialmente a CPAD, e com ela surgiu também maiores possibilidades de publicações, também por causa do sucesso do livro PDAS¹⁰.

A DIFUSÃO DO QUADRO

Como observado anteriormente, grande parcela da população do Brasil do século XX era iletrada. Com a chegada da fé trazida pelo movimento pentecostal para Belém-PA em 1910, muitos dos que foram alcançados e abraçaram a nova fé não tinham a possibilidade da leitura. Entretanto, com o estudo do MAPA era possível a estas pessoas aprenderem e reproduzirem com facilidade sobre todas as “dispensações” da história humana. Assim escreveu Benatte:

ao longo de um século de história no Brasil, o pentecostalismo firmou-se como uma religião instituída sobre a leitura popular e leiga da Bíblia. A imagem do crente “biblado”, que recita de cor versículos e passagens inteiras, é socialmente difundida. Esse estereótipo tem um fundo de verdade: os segmentos pentecostais formam verdadeiras comunidades interpretativas da Palavra, à medida que sua cultura e identidade religiosas são constituídas mediante uma intensa e constante leitura das Escrituras (BENATTE, 2011).

Outro fator que contribuiu para a rápida difusão tem a ver com o fato de que, “em verdade, a desqualificação *científica* ou erudita dos usos populares dos textos bíblicos é o avatar laico de uma série de exclusões que percorre a história da igreja desde a idade apostólica” (BENATTE, 2011). O mapa PDAS, ainda que tenha sido fundamentado por uma leitura literal da Bíblia, rompe com certas exclusões, pois em seu conteúdo tenta apresentar-se apto para o meio acadêmico de sua época. Assim sendo, cremos que um dos fatores do sucesso da difusão do quadro PDAS seja sua forma didática de fácil aplicação, pois uma vez aprendido, também poderia ser facilmente repassado. O quadro teve tão rápida aceitação que

¹⁰ Ver mais em, por exemplo: ALENCAR, Gedeon Freire. *Matriz pentecostal brasileira: Assembleias de Deus, 1911-2011*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2012. Também no site oficial da CPAD há alguns dados divulgados. *Os primeiros passos da Assembleia de Deus no Brasil*. Disponível em: <http://www.editoracpad.com.br/assembleia/historia.php> Acesso em: 16 de Jul. 2016.

passou a fazer parte de várias salas de aula, até mesmo fora do pentecostalismo; não era incomum encontrar o quadro PDAS entre grupos como os Batistas e os Presbiterianos.

O MAPA tornou-se uma excelente ferramenta evangelística, pois não só os grupos religiosos tinham pouca escolaridade, mas também seu público-alvo missionário, que via no quadro ou nas explicações ilustradas a partir dele, um elemento didático facilitador.

Na próxima seção deste ensaio faremos uma releitura dos avanços teóricos sobre os Estudos de Recepção que ajudarão a perceber ferramentas mais adequadas para esta análise.

CONCEITOS E PERSPECTIVAS DOS ESTUDOS DA RECEPÇÃO

Os *Estudos de Recepção*, também chamados de *Estética da Recepção*, surgiram na segunda metade da década de 1960 quando o professor alemão Hans Robert Jauss (1921-1997) proferiu uma aula inaugural na Universidade de Constança com o título *O que é e com que fim se estuda a história da literatura?*¹¹.

Na referida palestra Robert Jauss fez crítica ao modelo tradicional de ensino da literatura baseada nos manuais, pois transmitem aos estudantes os grandes nomes e suas respectivas obras e escolas literárias, mas não consideram os autores menos conhecidos, ou ainda, o contexto em que foram escritas e como foram recebidos pelas gerações posteriores (JAUSS, 1994).

Desde então os Estudos de Recepção passaram a fazer parte da análise de vários pesquisadores¹², pois evidenciava uma mudança na concepção por parte do leitor, pois o

¹¹ Trata-se de uma aula inaugural proferida, em 1967, na Universidade Constança, na Alemanha, que acabou se tornando um marco para os Estudos de Recepção ou Estética da Recepção. Publicado originalmente em 1969, com o título de *“A história da literatura como comprovação à teoria literária”*, que fora publicado no Brasil, pela editora Ática, em 1994, cuja edição foi utilizada nesse artigo.

¹² Como Wolfgang Iser (1926-2007), outro teórico de grande importância para o desenvolvimento desta disciplina junto de Jauss. Apesar do presente artigo se fixar apenas nas teses de Jauss, os dois teóricos constituem os fundadores e maiores expoentes da escola crítico-estética do pós-guerra alemão. Iser foi o criador da “Teoria do Efeito Estético”. (Cf. ISER, Wolfgang. *O ato de leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999, v.2.).

mesmo passou a ser visto como um agente ativo que se apropria do texto¹³, ressignificando o texto a partir do seu horizonte de expectativas (JAUSS, 1994, p. 28)¹⁴.

A EMANCIPAÇÃO DO LEITOR

A partir de Jauss o leitor foi ganhando um status que anteriormente não gozava, tornando-se, também, um protagonista nas relações de comunicação entre emissor-mensagem-receptor, pois os Estudos de Recepção compreendem “os signos textuais como obras inacabadas e abertas a diversos olhares interpretativos” (ADRIANO FILHO, 2012).

Isto ocorre porque se compreende que na leitura de um texto há o encontro entre o horizonte de expectativa do autor com as diversas possibilidades de interpretação por parte do leitor que está inserido em outro contexto histórico e possui outros horizontes de expectativas.

Assim, como afirma Adriano Filho, a leitura possibilita um movimento dialógico entre o leitor e o texto que emancipa o leitor para além daquela única interpretação pensada pelo autor do texto, permitindo que cada leitor interprete o texto apropriando-se e ressignificando-o, de modo distinto a partir do grau de identificação ou distanciamento do leitor em relação à obra (ADRIANO FILHO, 2012).

Jauss compreende o leitor como um sujeito histórico que, diante do signo, dialoga de modo emancipatório a provocar continuidades e descontinuidades. Para tal, é necessário estar aberto àquela determinada obra de arte que se propõe a ler, pois se trata de um percurso de atribuição de sentido já que nenhum texto pode ser apreendido de uma única vez.

Ao longo do processo de leitura vão se constituindo significados, significantes, múltiplas possibilidades interpretativas que descortinam novos horizontes para o leitor, bem como para a obra que é resignificada, pois para Jauss este signo não se configura apenas como reprodução de um resultado de um determinado processo histórico que ficou no passado no momento de sua confecção. Mas é, acima de tudo, uma construção social, cultural e histórico

¹³ Entende-se como “texto” não só algo escrito, mas toda e qualquer obra, inclusive iconográfica, como o caso da gravura do Mapa PDAS.

¹⁴ “Horizonte de Expectativa” é uma categoria criada por Jauss para se referir ao conjunto de saberes prévios que o leitor traz consigo ao receber a obra e interpretá-la tomando por base esse horizonte. Assim se expressa: “A obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas, por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de uma maneira bastante definida”.

a partir do encontro entre os horizontes de expectativa da obra e do leitor (SILVA COSTA, 2011). É evidente que Jauss não está preocupado que o leitor leve em consideração a intenção do autor da obra, mas que se torne emancipado e faça uma leitura emancipatória da mesma.

Adriano Filho salienta que “todo ato de recepção, julgamento estético ou interpretação, por mais espontâneo que seja sua expressão, advém de uma câmara de ecos onde ressoam os pressupostos históricos, sociais ou técnicos que possibilitam sua efetivação” (ADRIANO FILHO, 2012, p. 178).

Esta afirmação permite perceber a historicidade que torna o leitor emancipado daquelas percepções pré-concebidas, conferindo-lhe uma nova visão da realidade (ZILBERMAN, 2015), como defendia Jauss em suas teses, pois se compreende o leitor como elemento fundamental cuja leitura e sua interpretação estão vinculadas a sua experiência de vida com toda a carga simbólica trazida consigo.

AS TESES DE JAUSS: UM PERCURSO METODOLÓGICO

Jauss formulou sete teses nas quais fundamenta sua teoria sobre recepção, sendo, geralmente, dividida de maneira que as quatro primeiras teses apresentam os princípios que servem de sustentação para seu raciocínio, enquanto as três últimas apresentam a metodologia que deve ser seguida (ZILBERMAN, 1989). Silva Costa discorreu sobre as sete teses de Jauss, que resumimos na sequência (SILVA COSTA, 2011).

Na 1ª tese Jauss apresenta a historicidade da obra, que não é definida simplesmente por sua cronologia, mas pela relação dialógica com seus leitores através dos tempos. Na 2ª tese, afirma que o saber prévio dos leitores diante da obra desperta ou conduz a uma determinada postura emocional. Desse modo, evidencia-se que a experiência estética individual ao receber a obra está inserida como uma parte de uma leitura mais abrangente de determinados grupos históricos nos quais o leitor está inserido. Assim, é possível auferir que o modo como o público recebe estabelecerá o valor da obra literária (JAUSS, 1994).

Esta experiência estética é fruto do *horizonte de expectativas* do leitor com o *horizonte de expectativa* suscitado por uma obra. Essa distância estética entre os horizontes de

expectativas que gera uma maior ou menor aproximação do leitor com a obra, satisfazendo-o ou provocando estranhamento e rompimento, como postula a 3ª tese.

Já na 4ª tese, Jauss apresenta que é necessário reconstruir o horizonte de expectativa da obra a época em que foi lançada, recuperando a historicidade do texto, para a partir de então buscar os sentidos do texto construídos ao longo do tempo, numa relação dialógica, na qual acima de tudo urge compreender a pergunta para qual o referido texto constitui uma resposta.

Para explicitar como se efetua uma história da literatura, do ponto de vista da estética da recepção, o autor apresenta sua metodologia através de três formas que devem andar em conjunto: a diacronia, a sincronia e o relacionamento entre a vida prática e a obra. Na 5ª e 6ª teses são abordadas o enfoque diacrônico e sincrônico da obra, respectivamente. No aspecto diacrônico se leva em consideração a recepção da obra ao longo do tempo. Já o sincrônico, procura uma articulação entre as possíveis recepções da obra ao longo do tempo (diacrônico) com a recepção no momento em que foi produzida, de modo que a historicidade da obra é fruto desta análise diacrônica e sincrônica do texto.

Na 7ª e última tese propõe que na obra, além do seu efeito estético, existe também um efeito social, ético e psicológico, pois rompe e amplia seu horizonte de expectativas, possibilitando uma visão mais crítica da obra em questão e de outras que o leitor se propõe a analisar.

É importante ter em consideração a partir de sua teoria, mais precisamente, as noções específicas de “leitor” que a partir dos seus estudos fora visto como emancipado, como é ressaltado na 1ª tese, a noção de “experiência estética” explicitada na 2ª tese, bem como a categoria de “horizonte de expectativa” evidenciada na 3ª tese, é que constitui um dos postulados basilares de Jauss.

Desse modo, estando, como afirma a 7ª tese, atento à relação entre a obra e a vida que abre novos caminhos de modo a formar, reformar e transformar, gerando mudanças, ressignificando ou reforçando suas crenças, valores e sentimentos religiosos. Será sob esta perspectiva apresentada por Jauss nessas teses que propomos analisar a recepção do quadro PDAS.

BREVE ANÁLISE DO PDAS

A história da distribuição, leitura e recepção de Bíblias e de escritos de cunho religiosos no Brasil é um campo pouco explorado pela história religiosa ou pela história cultural da leitura. O pentecostalismo no norte do país crescia em meados da década de 1920, mas também enfrentava muitas dificuldades, como o já citado alto índice de analfabetismo, e a cultura tradicionalmente não simpatizante à leitura. Deve-se levar em conta também o nível social e econômico da população na distribuição, recepção e leitura de conteúdos religiosos no Brasil. O livro era considerado um artigo de luxo pela maioria, ou hábito exclusivo para poucos indivíduos, tanto do Pará como no restante do Brasil (OLIVA, 2010, p. 90 e 98). Tudo isso dificultava a venda de Bíblia e de materiais religiosos impressos por meio dos colportores (revendedores de Bíblias), além de limitar a evangelização por meio de livros e folhetos. Neste contexto, carecia de novos métodos e novos materiais para o ensino e divulgação da fé cristã.

Com a chegada do missionário assembleiano Lawrence Olson no Brasil, algo novo ocorreu. Seus ensinamentos dominicais nos templos e cruzadas evangelísticas, além dos cursos bíblicos e teológicos e dos materiais escritos, mudariam esse cenário, não só para os pentecostais, mas também para outros grupos religiosos mais tradicionais. De cunho dispensacionalista, os ensinamentos da história da salvação e da escatologia foram se plasmando no horizonte estético do evangélico brasileiro.

Para muitos evangélicos, o PDAS é a história do mundo ilustrado em apenas um desenho. Muitos fiéis mantinham-no nas paredes de suas casas como símbolo do ensino sistemático do dispensacionalismo popular. De acordo com o relato de Siqueira, é possível vislumbrar tal costume numa comunidade religiosa. Ele afirma ter ficado impressionado com o Mapa, pois, para ele, ali estava a história humana desde a criação até o último julgamento. Para Siqueira, pré-adolescente à época, curioso pelo tema ‘escatologia’, poder dispor de um exemplar do PDAS em mãos era como se tivesse um mapa do tesouro (SIQUEIRA, 2011).

Esta experiência confirma a segunda tese de Jauss:

Que o saber prévio do leitor, ou de público determina sua recepção, e este manterá um diálogo com as experiências pré-existentes. A nova obra desperta lembranças e o conduzirá a uma postura emocional fazendo ampliar seu horizonte de compreensão (JAUSS, 1994).

Embora o estudo desta escatologia nos dias atuais não seja tão atraente como o foi há décadas, tais ensinamentos, chamados por alguns de “a doutrina das últimas coisas”, ainda desperta muita curiosidade (SIQUEIRA, 2011). Os ensinamentos dispensacionalistas enfrentam duras críticas, como a de insuficiente base bíblica (FEYERABEND, 2000, p. 59) e a de que se trata de um equívoco crer que Israel teria privilégios divinos ainda hoje (WOHLBERG, 2016). Contudo, há os que ainda sustentam essa perspectiva, defendendo uma hermenêutica especial (WOODS, 2016).

É possível entender essas diferenciações no modo de recepção quando analisamos a quarta tese de Jauss, onde propõe analisar as relações atuais de quando o texto é recebido pelas pessoas ou grupos e a época que eles foram escritos, acontecendo assim, uma grande possibilidade de interpretação distinta (JAUSS, 1994).

Não é difícil encontrar nas redes sociais pessoas defendendo ideias dispensacionalistas, enquanto outras aproveitam das mesmas mídias sociais para mostrar outras opiniões e polemizar. Interessante é observar que ao mesmo tempo em que algumas pessoas defendem ideias particulares dispensacionalistas, por outro lado, também apresentam opiniões contrárias (SILVA, 2011).

CONCLUSÃO

O dispensacionalismo ensinado com tanta ênfase em décadas idas, ainda que mantenha importância nos dias atuais, não têm a mesma força, seja pelo avanço nas ferramentas de interpretação do texto, maior escolarização ou mesmo, por força das novas escolas de interpretação teológica. O nível de escolaridade do/a brasileiro/a cresceu consideravelmente. No Censo de 2010, por exemplo, a taxa de analfabetismo foi aferida em torno de 9,6% (PORTAL BRASIL. *Censo 2010*). Tal percentual contrasta em muito com os 56,8% da década de 1940. Sendo assim, conforme é possível ler em Jauss, o nível crítico do leitor/receptor tornou-se mais forte. Discussões são travadas diariamente nas mídias sociais e

Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões, Vitória-ES, v. 4, n 2, jul.-dez., 2016

nos círculos religiosos acerca de temas diversos. Além disso, o horizonte estético interpretativo do típico brasileiro era marcado pelo apocalipsismo do final do século XX, um tempo que aguça as narrativas de fim do mundo. Uma vez que já estamos no século XXI e sob forte influência do sistema educativo escolarizado, as novas gerações não são tão atraídas por estes temas. Contudo, nos círculos pentecostais os temas escatológicos são ainda muito fortes e tratados como temas identitários do movimento. De fato, Donald Dayton havia apontado a questão escatológica como um dos quatro pilares do pentecostalismo (DAYTON, 1987), uma vez que Jesus é para esse grupos o que salva da perdição eterna, o que cura das enfermidades, quem batiza com o Espírito Santo e o que voltará. Esta esperança precisava ser explicada, e o dispensacionalismo veio a ser essa explicação. O quando PDAS foi um instrumento valioso nessa divulgação e sedimentação.

REFERÊNCIAS

- ADRIANO FILHO, José. Estética da Recepção e Hermenêutica Bíblica. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (Org.). *Linguagens da Religião: Perspectivas, Métodos e Conceitos Centrais*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- ALENCAR, Gedeon Freire. *Matriz pentecostal brasileira: Assembleias de Deus, 1911-2011*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2012.
- BENATTE, Antonio Paulo. *Recepção popular e imputação de literalidade: sobre a leitura pentecostal da Bíblia no Brasil*. Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/247.pdf>> Acesso em: 21 jul. 2016.
- CPAD. *A origem das assembleias de Deus no Brasil*. Disponível em: <<http://www.editoracpad.com.br/assembleia/historia.php?i=2>> Acesso em: 21 jul. 2016.
- CPAD. *Nossa história*. Disponível em: <<http://www.editoracpad.com.br/institucional/integra.php?s=1&i=70>> Acesso em: 20 jul. 2016.
- CPAD. *Os primeiros passos da Assembleia de Deus no Brasil*. Disponível em: <<http://www.editoracpad.com.br/assembleia/historia.php>> Acesso em: 16 Jul. 2016.
- ERICKSON, Millard. *Teología sistemática*. 2 ed. Barcelona: CLIE, 2008.
- FEYERABEND, Henry. *101 Perguntas e Respostas Mais Frequentes*. São Paulo: UCB, 2000.
- IBGE. *Estatística: Tendência demográfica no período de 1940/2000*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia_demografica/analise_populacao/1940_2000/comentarios.pdf> Acesso em: 20 jul. 2016.
- ICE, Thomas. *A herança calvinista do dispensacionalismo*. Disponível em: http://www.chamada.com.br/mensagens/calvinismo_dispensacionalismo.html Acesso em: 20 jul. 2016.
- JAUSS, H. R. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.
- MATOS, Alderi Souza de. *O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário*. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/6982.html>> Acesso em: 20 jul. 2016.
- OLIVA, Alfredo dos Santos; BENATTE, Antonio Paulo. (Orgs.). *Cem anos de Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.
- OLSON, Nels Lawrence. *O Plano Divino através dos séculos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.
- PORTAL BRASIL. *CENSO 2010: CAI TAXA DE ANALFABETISMO NO PAÍS*. DISPONÍVEL EM: <[HTTP://WWW.BRASIL.GOV.BR/ECONOMIA-E-](http://www.brasil.gov.br/economia-e)
- Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões, Vitória-ES, v. 4, n 2, jul.-dez., 2016

EMPREGO/2011/11/CENSO-2010-CAI-TAXA-DE-ANALFABETISMO-NO-PAIS >
ACESSO EM: 02 AGO.2016.

ROMEIRO, Paulo. *Somos uma igreja mais propensa a sentir do que a pensar*. Disponível em: <<http://pbteologil.blogspot.com.br/2011/03/somos-uma-igreja-mais-propensa-sentir.html>> Acesso em: 18 jul. 2016.

SILVA COSTA, Márcia Hávila Mocci da. *Estética da recepção e teoria do efeito*. Disponível em:
<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:d7FxCbjoCmAJ:https://abiliopacheco.files.wordpress.com/2011/11/est_recep_teorias_efeito.pdf+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 21 jul. 2016.

SILVA, Israel. *Dispensacionalismo ajuda ou heresia?* Disponível em:
<ptbr.facebook.com/EscolaBiblicaDispensacional/posts/493082017434724>. Acesso em: 20 jul. 2016.

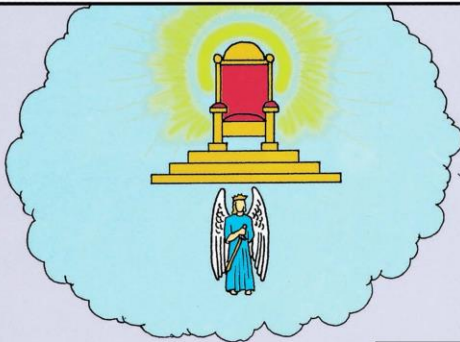
SIQUEIRA, Gutierres Fernandes. *O plano divino através dos séculos e o domínio da história em um desenho! 2011*. Disponível em: <<http://www.teologiapentecostal.com/2011/11/o-plano-divino-atraves-dos-seculos-e-o.html>> Acesso em: 19 jul. 2016.

WOHLBERG, Steve. *Desilusões Dispensacionalistas*. Disponível em:
<setimodia.wordpress.com/2010/01/14/desilusoes-dispensacionalistas/> Acesso em: 20 jul. 2016.

WOODS, Andy. *Hermenêutica dispensacional: O Método [literal] Gramatical- Histórico*. Disponível em:
<<http://solascripturatt.org/EscatologiaEDispensacoes/HermeneuticaDispensacional-MetodoLiteralGramatical-Historico-AWoods.htm>> . Acesso em: 20 jul. 2016

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. Porto Alegre: Uniritter, 2015.

O PLANO DIVINO AT



SATANÁS
"O querubim unguido que cobre"
Ez 28.14-19

SATANÁS DEPOSTO
Tornou-se o "chefe das potestades do ar"
Ef 2.2; 6.11,12; Jo 12.31; 14.30

O RASTRO DA SERPENTE



ENOQUE TRASLADADO
Gn 5.24



Is 14.13,14

DEUS NO ETERNO PASSADO
Sl 90.2; Pv 8.22-31; Hb 9.27
PLANEJA O REINO
Mt 25.34
PLANEJA OS SÉCULOS
Hb 1.3; 11.3
criação de Hostes Angelicais
Jô 38.4-7; Cl 1.15-19
TRINDADE



A TERRA ORIGINAL
Gn 1.1; Is 45.18; Pv 8.22-31



A TERRA CAÓTICA
Gn 1.2; Is 24.1; Jr 4.23



A TERRA RESTAURADA

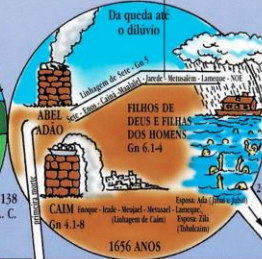
INOCÊNCIA



4138 A.C.

A QUEDA

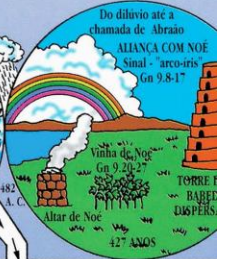
CONSCIÊNCIA



1656 ANOS

SEPULTURA
Hebraico: "Queber"

GOVERNO HUMAN

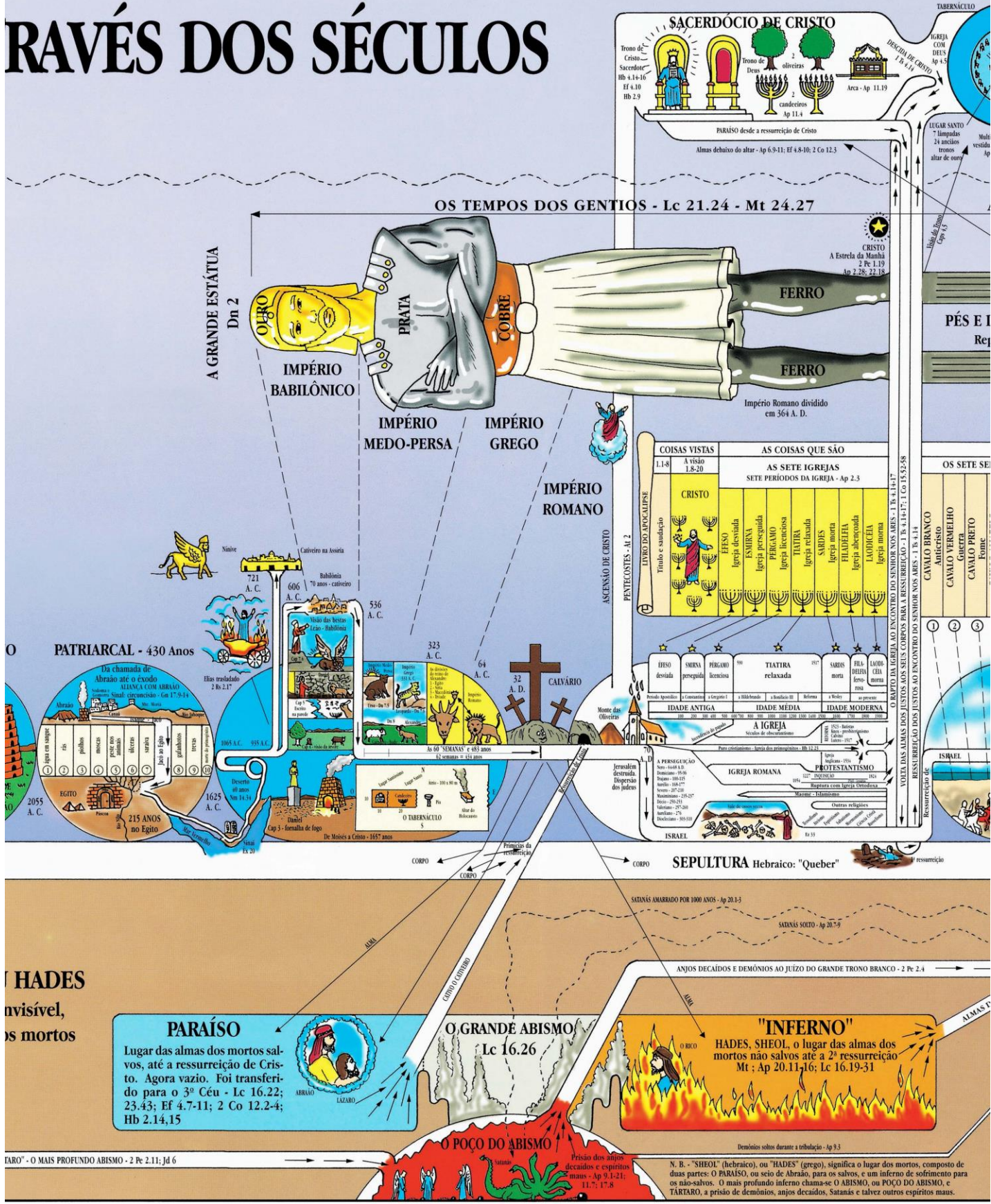


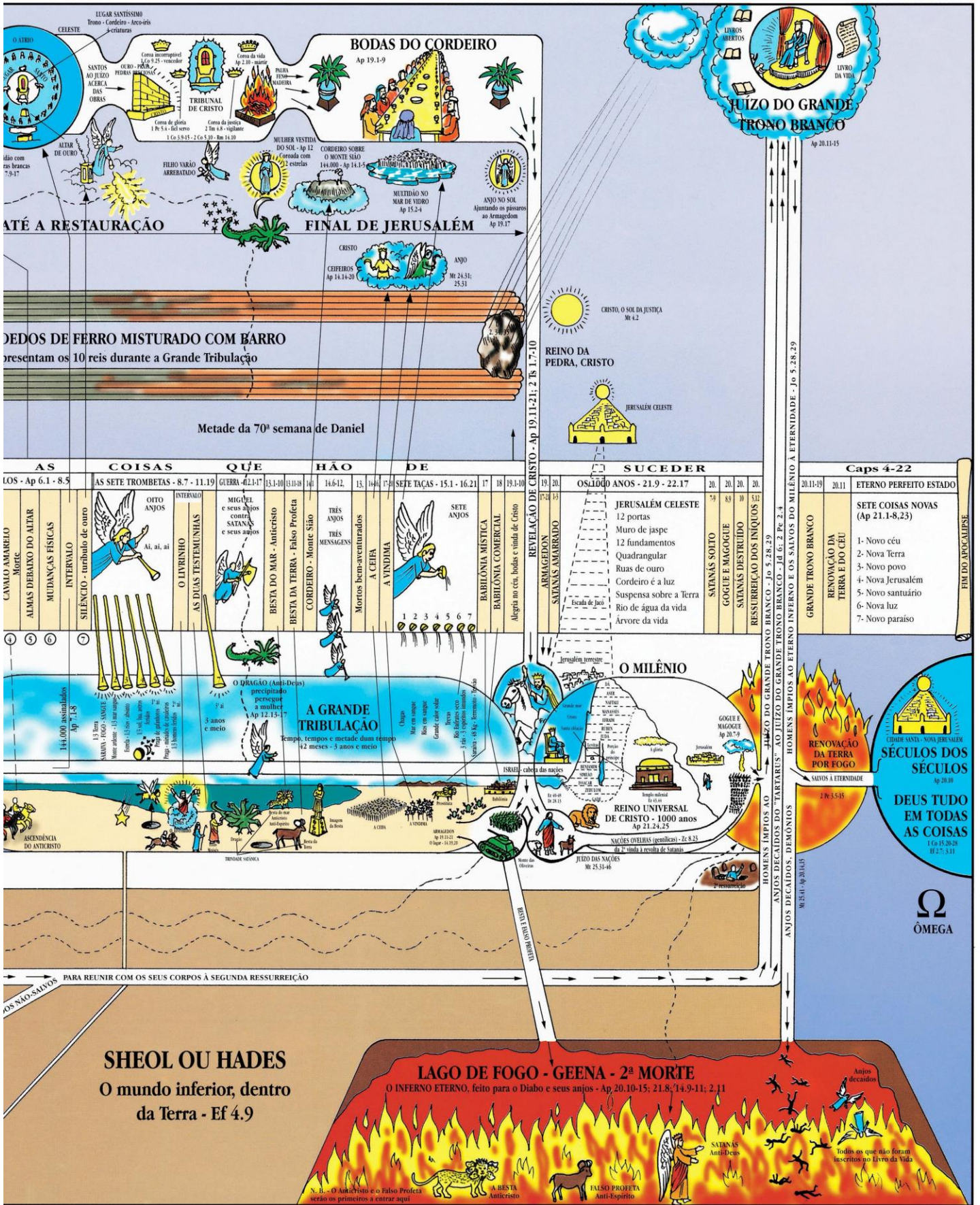
427 ANOS

SHEOL OU
O mundo inferior
as regiões do

A
ALEA

TRAVÉS DOS SÉCULOS





Revisão Diagrama de Teologia e Ciências das Igrejas, Volume 20, nº 1, 12, Jul. 2021, 2019